

Choro e samba na Luz: etnografia de práticas de lazer e trabalho na R. Gal. Osório

Guilherme Aderaldo e Natália Fazzioni



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1159>

DOI: 10.4000/pontourbe.1159

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Referência eletrónica

Guilherme Aderaldo e Natália Fazzioni, « Choro e samba na Luz: etnografia de práticas de lazer e trabalho na R. Gal. Osório », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1159> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1159

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Choro e samba na Luz: etnografia de práticas de lazer e trabalho na R. Gal. Osório

Guilherme Aderaldo e Natália Fazzioni

NOTA DO AUTOR

Pesquisa coordenada por Heitor Frúgoli Jr. no âmbito do GEAC (Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade) e desenvolvida com o apoio do CNPq (Projeto Universal, Edital MCT/CNPq 14/2008, 2008-2010). Participaram dessa linha de investigação Natália H. Fazzioni, Guilherme A. Aderaldo, Laís Silveira, Bruno Puccinelli, Giancarlo M. C. Machado, Enrico Spaggiari e Heitor Frúgoli Jr. Também colaborou Juliana B. Cunha. Ficam aqui nossos agradecimentos a todas as pessoas que nos auxiliaram com informações e generosas companhias durante o tempo em que passamos na R. Gal. Osório.

Introdução

Os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos de mundo (DE CERTEAU, 1994, [1980] p. 188).

- 1 A temática exposta no presente artigo baseia-se na investigação mais detida de certas dinâmicas situadas numa determinada espacialidade em torno de lojas e bares localizados na R. Gal. Osório, a partir da constatação da existência de frequentadores regulares de dois eventos musicais muito próximos, um deles uma roda de choro em uma loja de instrumentos musicais e outro, uma roda de samba em um bar e restaurante ao lado da mesma, ambos aos sábados.
- 2 A intenção de aprofundar uma pesquisa em torno dos eventos que havíamos conhecido na referida área não buscava dar conta especificamente de uma análise das manifestações

musicais ali presentes, mas sim dos percursos que levavam os agentes a estarem nestes lugares, seja de maneira assídua ou esporádica, e suas relações com a região em questão, considerado o aspecto singular desta territorialidade, uma vez que a mesma integra o contexto que nos últimos anos tornou-se um cenário de amplos investimentos simbólicos, balizados pela polarização marcada, conforme aponta Frúgoli Jr. (no prelo), pelo contraponto entre os imaginários que compõem as noções de Nova Luz e *cracolândia* (ou revitalização vs. degradação)¹, que tende a ocultar as formas de sociabilidade partilhadas por uma parcela da população mais ligada ao uso cotidiano da região, como moradores, comerciantes e frequentadores de espaços mais populares².

- 3 A perspectiva de Michel de Certeau em seu estudo sobre a cidade auxiliou significativamente nesta análise, uma vez que a analogia entre espaço urbano e linguagem é o que permite ao autor concentrar seus esforços analíticos na direção dos processos de subjetivação e das representações sociais surgidas dos contextos (sempre polifônicos e instáveis) onde se desdobram as práticas cidadinas. Sua percepção apoia-se, portanto, não na cidade enquanto conceito – essa espécie de “sujeito universal e anônimo” (DE CERTEAU, 1994 [1980], p. 173) que tem como condição de possibilidade o desconhecimento das ações que se desenrolam em seu interior –, mas sim nas práticas que reinventam sentidos e inauguram espaços ao justaporem temporalidades e imaginários distintos em um mesmo lugar. Indagação semelhante levou outros autores a questionarem o uso analítico da noção de “bairro” (CORDEIRO & COSTA, 2006; VELHO, 1999; FAZZIONI, 2012), uma vez que o aspecto de unidade simbólica contido em tal representação tende a ocultar uma infinidade de processos e códigos sociais estabelecidos a partir dos diferentes modos de uso e significação do espaço (ARANTES, 2000).
- 4 Tendo em vista essas condições, as perguntas – até certo ponto simples – que passaram a balizar nossas observações foram: “o que se passa entre o espaço concebido e o espaço vivido” (DOSSE, 2004, p. 87)?³ Quais são, afinal, os processos de subjetivação que caracterizam os espaços com os quais as pessoas se relacionam em suas práticas cotidianas?
- 5 Nosso objetivo ao longo do presente artigo será, portanto, o de apresentar as relações implicadas no que consideramos ser uma mancha de lazer e trabalho, localizada em um pequeno trecho da rua Gal. Osório, situada na região da Luz – também conhecida como “bairro da Luz” apesar de suas delimitações fluidas (FRÚGOLI JR, no prelo) – em São Paulo. De acordo com Magnani, a noção de mancha pode ser compreendida da seguinte maneira: “Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências e sem o estabelecimento de laços mais estreitos entre eles. São as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamento que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 2002, p. 22).
- 6 Neste contexto encontram-se os já citados estabelecimentos comerciais identificados pelas rodas de choro e samba que promovem, sempre aos sábados. São eles: a loja de instrumentos Contemporânea⁴ e o bar e restaurante Zebrinha Amarelinho, também conhecido como bar Amarelinho, situado a poucos metros da mesma. Nossas observações privilegiaram os sábados (embora não tenham se restringido apenas a esses dias), ocasião em que ambos os locais concentram um significativo número de frequentadores oriundos de diversas partes da cidade, atraídos de alguma forma pelos eventos musicais que ali ocorrem. Tais eventos foram acompanhados por nós por um período de aproximadamente um ano.

- 7 Os agentes contatados na pesquisa distinguem-se em torno de cinco categorias (intercambiáveis): funcionários, proprietários, músicos, frequentadores e moradores⁵. A partir dos encontros, entrevistas e observações das atividades desenvolvidas por estes cidadãos, pudemos identificar a existência de certas redes de relações, bem como articular algumas situações sociais que revelam a dinâmica destes espaços e permitem compreender significados dados à região da Luz por estes atores.

2. A R. Gal. Osório e o choro na Contemporânea

- 8 A R. Gal. Osório está situada entre dois pontos referenciais na região da Luz: a Estação Júlio Prestes e a Estação da Luz. É também próxima à Santa Ifigênia – conhecida pela densidade do comércio de artigos eletrônicos – e aos Campos Elísios, bem como a instituições culturais do entorno. Em sua entrada pela R. Mauá, nos dois quarteirões subsequentes ao Lgo. Gal. Osório, é notável a existência de uma rede comercial ligada à venda de instrumentos musicais; Redenção, Gope e Contemporânea são algumas das lojas de instrumentos ali presentes, sendo que outras do gênero se espalham pela região.
- 9 Caminhadas cotidianas pelo bairro permitiram verificar ainda a existência de uma dinâmica peculiar ligada a esse comércio, sobretudo aos sábados. Tal dinâmica revelada em um primeiro momento pela própria circulação de pessoas em virtude destes estabelecimentos, logo se desdobrou em outras constatações: além de compras, tal movimentação gera a permanência desses consumidores em bares da região ou até mesmo em uma loja de instrumento para apreciação de eventos musicais ao longo de toda manhã e tarde. A relação desta região com a música, no entanto, não é decorrente apenas das lojas de instrumentos musicais. Cabe notar que está situada ali também a EMESP (Escola de Música do Estado de São Paulo – Tom Jobim); escola que concentra em seu entorno alunos e funcionários ligados ao mundo da música.

Roda de choro da Contemporânea



FOTO DA PESQUISA DO GEAC

- 10 A roda de choro da loja Contemporânea, como já citado, ocorre todos os sábados nos fundos do estabelecimento, em uma pequena sala chamada “Evandro do Bandolim”, em homenagem ao instrumentista já falecido que costumava comandar o evento. De acordo com relatos divergentes colhidos, o choro teve início ali entre 1995 e 1997.
- 11 É consensual, entretanto, que boa parte dos músicos que inicialmente tocava naquele espaço vinha de outra roda que também ocorria na região, situada na loja de instrumentos Del Vecchio, na R. Aurora, a qual teve seu espaço reduzido, levando assim os músicos à Contemporânea, onde foram acolhidos pelo já falecido proprietário Miguel Fasanelli. Desde então o evento não se interrompeu: tem início sempre por volta de 10h e segue até pelo menos 14h ou 15h, a depender do dia. Participam da roda sobretudo pessoas de mais idade, que se dividem entre tocar os instrumentos e cantar canções de choro e samba tradicionais, normalmente conhecidas por todos.
- 12 A apresentação é comandada por um único músico, contratado pela loja, que de maneira bastante discreta coordena os demais presentes e conduz a apresentação. Há nesse espaço vários bancos compridos de madeira, ocupados pelo público ou por músicos que aguardam por uma participação na roda. O lugar também é decorado com uma série de fotografias antigas da loja, fundada em 1948, além de cartazes com homenagens a Miguel Fasanelli. É importante notar que a sala dificilmente pode ser vista por quem passa pela rua. Portanto, além daqueles que compõem a roda, nota-se a presença de clientes ocasionais da loja, que param para assistir, além de outros que vão ao local especialmente para ver as apresentações.
- 13 Em uma de nossas primeiras idas ao choro, encontramos casualmente outra estudante da USP conhecida de um dos pesquisadores. Ela estava no local com uma amiga e a incursão das duas pela Luz tinha sido planejada como parte da programação de lazer do final de semana. Elas nos contaram que após o término da roda da Contemporânea iriam ao bar Amarelinho comer feijoada e terminariam o dia na Pinacoteca do Estado para ver uma exposição de arte. A presença de jovens na roda não foi algo que notamos uma vez somente. Ainda que não configurassem o público predominante, jovens sempre compunham alguma parcela da plateia e mais raramente da própria roda como músicos.
- 14 No caso dos frequentadores mais assíduos do evento, não foi necessário muito tempo de observação para notarmos que são sempre os mesmos e predominantemente idosos. A maior parte deles está presente no choro praticamente todos os sábados, o que os torna fáceis de serem reconhecidos. Certa ocasião, ao presenciar um diálogo entre duas mulheres, pudemos dar início a uma relação mais próxima com alguns desses frequentadores assíduos. A conversa se deu inicialmente com uma pessoa que se apresentou como “cuidadora” de Antônio, este um senhor de idade já com a saúde bastante debilitada, mas que ainda assim não deixava de ir ao evento. Ela nos contou que ele foi por muito tempo um dos principais músicos a compor a roda. Atualmente, no entanto, já não é mais capaz de tocar e apenas comparece ao local para escutar a música e reencontrar os amigos. O caso do senhor Antônio não é exclusivo; notamos haver ainda outro senhor de cerca de 70 anos, que permanece muitas vezes na roda com um instrumento de cordas na mão, sem, contudo, ser capaz de tocá-lo apropriadamente em razão da nítida fragilidade física.
- 15 Tal aproximação permitiu que conhecêssemos ainda Cláudia,⁶ outra frequentadora que nesse mesmo dia conversava com a cuidadora já mencionada sobre a importância que as rodas de choro assumiam no que tange à sociabilidade dos músicos e admiradores que as

frequentam. Cláudia contou-nos ainda que esta era uma das hipóteses a ser lançada em um livro que estava sendo escrito por ela em parceria com seu marido acerca da história do choro na cidade de São Paulo.

- 16 Profunda conhecedora destes espaços e de seus frequentadores, ao saber de nossa pesquisa, ela gentilmente nos apresentou a alguns músicos da roda. Seu Jair, que está sempre presente neste evento e também em outros na cidade, onde chorões e seresteiros costumam se reunir, foi um deles. Uma característica marcante da presença de Seu Jair na roda é que além de cantar uma música ou outra em momentos isolados, ele cumprimenta e conversa com boa parte dos frequentadores ali presentes. Em geral, o ruído de conversas na sala, entre beijos e abraços, é bastante comum durante a execução das músicas; isso mostra que se trata também de um local de encontros entre conhecidos, além da celebração musical, enfim, um espaço de sociabilidade (SIMMEL, 2006 [1917]).
- 17 Por meio desta aproximação, observamos ainda que estas mesmas pessoas fazem parte de um circuito⁷ que transcende a região da Luz. Através de Cláudia, Seu Jair e outros frequentadores, soubemos que muitos vivem na Zona Norte, possuem contato com escolas de samba⁸ e participam de outros eventos musicais na cidade. Nesse sentido é comum que a menção às rodas de samba e choro realizadas em outros espaços da cidade surja comparativamente com a roda existente na Contemporânea. Essa comparação muitas vezes evoca certo estigma com relação à área no entorno da loja e isso de alguma maneira afeta a própria avaliação feita pelos frequentadores da roda de choro. A questão ligada à estigmatização do local foi, por exemplo, observada quando numa conversa mencionou-se a existência de outro evento, bastante semelhante àquele e igualmente frequentado por muitos dos músicos assíduos da Contemporânea. Este, no entanto, ocorre no bairro do Sumaré, na Zona Oeste, localizada numa área mais nobre da cidade. Tal roda, que acontece às sextas-feiras, foi aludida por todos como “melhor do que a da Luz”, sem que ficasse claro quais eram as principais diferenças entre ambas, com exceção da localização.
- 18 Retomando a figura de Seu Jair, um dos aspectos mais marcantes do contato estabelecido com ele foi a constante preocupação que demonstrava com a pesquisadora, ao saber que a mesma costumava caminhar sozinha da loja onde acontece o choro até a Estação da Luz e vice-versa. O bairro em sua fala aparecia sempre como um ambiente inóspito e perigoso e ele não recomendava que tal trajeto fosse feito por alguém desacompanhado, apesar de ele mesmo fazê-lo. Ainda assim, nunca chegou a narrar a experiência de algum caso de violência, sofrida ou acompanhada. A representação da área como perigosa aparecia como autoevidente, não havendo mesmo a necessidade de exemplificações mais detalhadas.
- 19 Outros interlocutores presentes na roda iluminaram relações distintas com o evento e o bairro. Destaca-se, nesse sentido o caso de Rubens, morador do Centro, de aproximadamente sessenta anos, que conhecemos inicialmente no Amarelinho. Ele é funcionário do Poder Judiciário e sergipano, apesar de já viver em São Paulo há trinta e cinco anos. Sempre em companhia de um amigo também sergipano, Rubens almoça no bar Amarelinho com frequência e já havíamos notado sua presença neste estabelecimento quando o encontramos no choro da Contemporânea. Logo em seguida, passamos a vê-lo sempre em ambos os espaços.
- 20 Rubens vive em um hotel próximo à região de Luz e inicialmente passou a frequentar o restaurante para almoço quando conheceu a roda de choro que ocorre na loja em frente ao local. Quando o conhecemos, ele ainda não frequentava assiduamente o choro, no entanto, após passar um tempo sem vê-lo, encontramos-lo um dia entrando no bar Amarelinho com um chapéu de palha branco, típico de sambistas e paramos para

conversar. Ele nos indagou sobre o andamento da pesquisa e começou a perguntar se também realizávamos a mesma em outros choros da cidade, como o que ocorre no “mercadão” (Mercado Municipal de São Paulo) aos domingos. Mesmo com a resposta negativa, Rubens começou a nos contar que vinha frequentando o choro do “mercadão” e também o da R. Capital Federal, no Sumaré, às sextas-feiras, já citado anteriormente.

- 21 Notamos assim que ele havia, a partir de sua relação com os espaços da região da Luz, adentrado um circuito antes desconhecido por ele ligado ao choro. Curiosamente, ao ser provocado por um dos pesquisadores que o disse “Então o senhor passa a semana toda seguindo o choro?”, ele respondeu: “O choro, a música, o teatro, tudo que é bom. Às vezes vou até à Sala São Paulo ouvir música clássica, vocês já foram lá?”.

3. O bar e restaurante Amarelinho e a roda de samba

- 22 O movimento é intenso no Amarelinho aos sábados no horário de almoço – como também ao longo de todos os dias de semana (com exceção de domingo, quando o bar não abre). No sábado, entretanto, há menos funcionários que trabalham nos órgãos públicos locais almoçando, bem como mais frequentadores esporádicos do bairro: desde consumidores das lojas da Santa Ifigênia até alguns dos chorões recém-saídos da roda da Contemporânea. A feijoada costuma ser o principal pedido desse dia. Antes de dar início ao samba, os próprios integrantes do grupo Centro do Samba⁹ também comem no local, muitas vezes acompanhados de amigos e familiares.
- 23 Embora seja um tipo de estabelecimento bastante comum na cidade de São Paulo, o bar ganha destaque pela localização, ao lado de lojas e locais dedicados à música¹⁰. Há um balcão, dividido por um caixa e atrás deste, bastante visível, fica a chapa e a janela de acesso à cozinha. O cardápio está estampado na própria parede: sanduíches, salgados, refeições e todo tipo de bebida. Algumas mesas se espalham em frente ao balcão, outras ficam do lado de fora, na calçada. Aos fundos, há uma entrada para os banheiros. É possível destacar ainda um aspecto peculiar ao bar: todos os atendentes que trabalham ali são homens e, em geral, prezam mais pela agilidade do que pela simpatia no atendimento aos clientes.
- 24 Não é fortuito o fato de o samba ter início aproximadamente no horário em que termina o choro na Contemporânea. Beto Velasco, um dos líderes do grupo Centro do Samba, afirma que foi, ao parar para comer no Amarelinho na saída do choro, que começou a tocar pagode na rua com os amigos e assim o grupo aos poucos se formou e se profissionalizou. Hoje, há pouca relação entre os músicos que tocam em um e outro espaço, com exceção do próprio Beto que ainda participa esporadicamente do choro, além de Iago, seu filho mais novo. Ambos são alunos de música de Arnaldinho, músico que comanda a roda da Contemporânea e em algumas ocasiões os convida para tocarem ali também. Beto e seu filho, no entanto, dedicam-se principalmente ao grupo Centro do Samba e Beto investe ainda em uma carreira solo como sambista e compositor.
- 25 Deve-se assinalar ainda a existência de outros bares na rua que aos sábados possuem rodas de samba, apesar de o Amarelinho ser, sem dúvida, o que aglutina mais pessoas. As rodas de samba, a presença de lojas de instrumentos musicais e escolas de música na região fazem com que este trecho da rua se torne também um espaço de sociabilidade e encontro entre músicos. Não por acaso, em anos recentes a rua foi palco de dois importantes eventos musicais nos quais os integrantes do Centro do Samba estiveram

parcialmente envolvidos. O primeiro deles, iniciado em 2002, foi o projeto “Rua do Samba Paulista”,¹¹ que ganhou este nome quando os músicos passaram a ocupar a R. do Triunfo, além da R. Gal. Osório. A proposta segundo Tadeu Augusto Mateus, o “Kaçula” – organizador do evento –, era a de construir um espaço para a memória e divulgação do samba paulistano, como também “(...) um espaço de ocupação cultural e política”, fortemente sustentado por setores do movimento negro.¹² O segundo evento, realizado a partir de 2006, foi a tentativa de reativar um projeto, antes sediado em Pinheiros, intitulado “Rua do Choro” no Lgo. Gal. Osório,¹³ sendo este evento mais ligado aos músicos da Contemporânea.

- 26 É possível constatar, contudo, que o fato deste ter sido o local eleito para estas iniciativas diz muito sobre a relativa centralidade que exerce com relação a tal *circuito* musical. Isso porque a região constitui, de algum modo, uma “vitrine” para estas apresentações musicais, sobretudo, em razão da presença das lojas de instrumentos ali e da circulação de pessoas decorrente disso.
- 27 No entanto, para além da importância que exerce com relação ao universo do samba e choro na cidade de São Paulo, buscamos entender fundamentalmente que papel e peculiaridade esta mancha (MAGNANI, 2002) de trabalho e lazer desempenha na própria região da Luz. Durante a roda de samba, pudemos observar mais detidamente a relação entre o lado externo e interno do Amarelinho. Diferente do choro da Contemporânea, no qual o evento ocorre de maneira distanciada da rua e que é apenas possível ouvir a música ao se entrar na loja, o samba no Amarelinho costuma atrair a atenção daqueles que passam pela rua de maneira constante. Aproximam-se do bar, desse modo, desde usuários de crack ou moradores de rua que param ali para pedir dinheiro às pessoas que estão nas mesas – e, por vezes, arriscam uns passos de dança – até turistas estrangeiros que, eventualmente, entram e acabam permanecendo ali por mais tempo para comer e ouvir o samba ou mesmo jovens que andam pelo bairro, como já citado anteriormente.

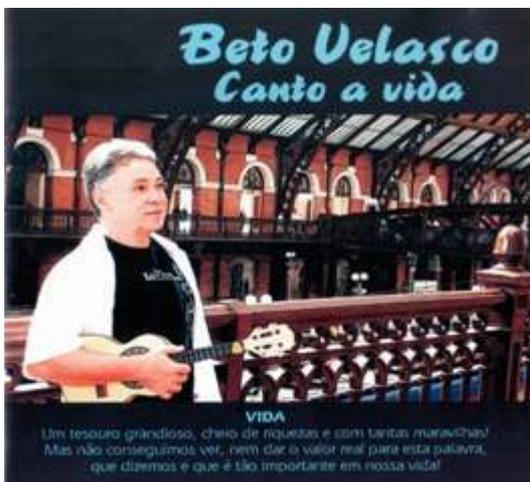
Público na roda de samba do Amarelinho



FOTO DA PESQUISA DO GEAC

28 A relação entre o bar e a rua, desse modo, é diretamente afetada pela dinâmica da região, a qual ocorre de maneira mais intensa do que no caso citado anteriormente. Os músicos do Centro do Samba foram interlocutores privilegiados para compreendermos essa dimensão. Em se tratando especificamente da relação entre o grupo e a região, a Luz aparece em muitos momentos para os músicos como um espaço central em suas práticas de lazer e trabalho em uma série de sentidos. Um dos músicos, Tadeu, por exemplo, diz considerar a região “uma referência cultural” pelo fato de provocar o encontro de tipos variados de pessoas, uma vez que costuma observar “diversos turistas estrangeiros fotografando a situação pitoresca de ver uma pessoa engravatada junto a um indigente, e essa mistura enquanto o samba está rolando”. Isso difere da menção à região da Luz como bairro cultural em virtude do adensamento local de instituições culturais. Além disso, o próprio disco produzido por Beto deixa clara a relevância dessa relação com o local, uma vez que as fotografias que ilustram o encarte foram todas feitas na Estação da Luz e na Estação Júlio Prestes, além da própria R. Gal. Osório, indicando desse modo que os equipamentos culturais mais ilustres do bairro também aparecem como significativos para o grupo¹⁴.

Capa do disco “Canto a Vida” de Beto Velasco



Fotografia de Beto na R. Gal. Osório, inserida na contracapa de seu disco solo



Imagem do disco de Beto Velasco, com a fotografia da Estação da Luz, onde também funciona o Museu da Língua Portuguesa.



- 29 Sendo assim, “estar na Luz”, para o grupo Centro do Samba, por um lado, implica a possibilidade de aproximação de um circuito musical bastante significativo. Mas por outro, implica também o afastamento de um público em potencial. Isso porque, de acordo com Tadeu: “o pessoal que vem aqui [no Bar Amarelinho] é um pessoal que não tem preconceito, porque quem tem preconceito não vem aqui, não pisa aqui por nojo, por medo, por receio”. O mesmo Tadeu, ao comparar o público tradicionalmente presente no Amarelinho com aquele que costuma frequentar o bar São Jorge, no bairro do Tatuapé, onde o grupo também se apresenta, faz o seguinte relato: “aqui [no Amarelinho] é beber uma cerveja, tocar aquela música, lá não, lá é um pessoal que tem mais educação, muito bem tratado, que tem uma certa cultura, é um público diferenciado”.
- 30 Tentando relativizar a dicotomia entre os frequentadores destes dois espaços, ainda acrescenta: “(...) mas tem gente que vai aqui e que vai lá também, mas também são pessoas diferenciadas, que gostam de um samba raiz e da antiga, e pelo apreço com os integrantes do Centro do Samba”. Em outra visão, ele destaca a possibilidade de algumas pessoas considerarem o Tatuapé um bairro muito nobre e, por outro lado, a “cracolândia” (termo utilizado pelo próprio Tadeu), muito perigosa e assim este acaba sendo um público não acessado por eles.
- 31 Estas diferentes visões sobre o bairro que o constroem simultaneamente como atrativo e repulsivo constituem posições complementares que tendem a se traduzir em certas particularidades nos modos de representação e uso desse espaço para práticas de lazer e trabalho. Isso fica mais evidente quando levamos em consideração as relações mantidas com os chamados *noias*. Jamil, que, assim como Beto e Tadeu, integra o grupo Centro do Samba, relata, por exemplo, um episódio em que um garoto “usuário de crack” se aproximou de sua namorada e o fez reagir de forma agressiva, dizendo para ele “sair fora”. Mais tarde, quando foi atender o celular do outro lado da rua, o garoto se aproximou e pediu desculpas, disse que apenas queria pedir a ela um copo d’água. Ele diz ter ficado tocado com esse fato.

- 32 Ao longo do tempo em que estão ali os músicos passaram a conhecer alguns deles a ponto de dar-lhes até apelidos. Num dado momento, conforme nos foi relatado em uma conversa com o grupo, “um deles” chegou a impressioná-los pela habilidade que tinha com o pandeiro. Ainda nesse sentido, os músicos parecem ter assimilado certos códigos relacionais locais que os fizeram perceber aspectos como o que Beto fez questão de ressaltar, ao nos dizer que enquanto há movimento no bar onde se apresentam “as pessoas não usam droga, eles não se aglomeram, mas quando o samba acaba, eles passam a utilizar aquela rua também”.
- 33 No entanto, além do aspecto ressaltado por Beto, é necessário indicar a existência de uma postura de demarcação de espaço por parte dos garçons do bar Amarelinho, que ao mesmo tempo em que atendem aos clientes, parecem ter a função de controlar a “mistura” outrora citada por Tadeu, afastando do bar de maneira incisiva pessoas consideradas indesejáveis.
- 34 Tal conduta, já observada pelos pesquisadores durante os sábados, ficou ainda mais evidente em outra ocasião em que estivemos ali, durante a edição da Virada Cultural¹⁵ de 2010, ocorrida entre os dias 15 e 16 de maio. Neste dia, presenciamos uma cena marcante com relação ao modo de atuação dos garçons. Ao chegarmos ao Amarelinho, sentamos em uma mesa e em pouco tempo fomos abordados por um rapaz que pedia dinheiro de maneira educada, sem demonstrar qualquer agressividade. No mesmo momento, um dos garçons aproximou-se dele rudemente, mandando-lhe sair, mas mediante a recusa do rapaz,¹⁶ ele pegou uma cadeira e a utilizou para empurrá-lo. O rapaz, então, se dirigiu até a Pça. Gal. Osório, de onde voltou com um pedaço de madeira, chamando o garçom, que já havia trocado de posição com outro, para fora do estabelecimento. Algum tempo depois, o rapaz acabou por ir embora.
- 35 Em uma ocasião anterior, enquanto conversávamos com um morador da região, um senhor negro e alto, de nome Raul, a quem havíamos conhecido durante um percurso no Parque da Luz dias antes, deparamos com outra cena perturbadora. Naquele dia o bar estava lotado e com um público, como de hábito, bastante heterogêneo. Raul, que estava dentro do bar, ao nos avistar resolveu vir até nossa mesa, do lado de fora. Imediatamente um dos garçons veio até ele cobrar que pagasse, de forma antecipada, o conhaque que havia pedido e que trazia em seu copo (algo que não havia pedido para nós e aparentemente para ninguém das outras mesas, que também transitavam entre o bar e a rua, carregando seus respectivos copos). Ele ficou visivelmente ofendido e nervoso com tal atitude, esbravejando dizeres do tipo: “Sou preto, mas não sou burro!”, “Trabalho, tenho conta no banco e formação!”, entre outras coisas. Também acabou ofendendo o garçom que, pelo sotaque, vinha de alguma região do nordeste, dizendo coisas como “Seu nordestino, Paraíba, vai ver!”.
- 36 Ao conversarmos mais detidamente com Ronilce, a proprietária do bar Amarelinho, ela nos revelou que os garçons são de fato instruídos a agir de maneira rude com pessoas “indesejáveis” – em suas palavras: “não pode dar mole!”. Além disso, seguranças à paisana são contratados para atuação na área tanto durante o dia, quanto à noite. No mesmo dia em que entrevistamos Ronilce, um dos garçons do bar nos apontou um homem parado em uma esquina a quem caracterizou como “Brutus”. Este era um dos seguranças que, segundo suas palavras: “Primeiro bate, para depois perguntar”.
- 37 Na fala de Ronilce, embora exista certa ênfase no aspecto aglutinador do bairro, pelo fato de muitos perfis diferentes de pessoas se cruzarem em seu estabelecimento, há também

um aspecto claramente seletivo, à medida que nem todos parecem ser aceitos. A proprietária sustenta fortes esperanças com relação às intervenções prometidas pelo poder público para a região e diferencia claramente a área onde o bar se localiza das demais, ao chamá-la de “Nova Luz”. Ela também demonstra interesse e conhecimento acerca dos projetos construídos pelo poder público para o local ao dizer que “Nova Luz eu acho que é o projeto. É o projeto, está no papel. Eu tenho esperança. Mas assim, em relação ao pessoal da droga não tem compatibilidade frequentar [o Amarelinho], entendeu?”.

- 38 Ao tratar dos usuários de droga ela revela uma atitude bastante curiosa, a começar pelo fato de sempre se referir a eles como “drogadinhos”, tentando diminuir o peso do termo “drogados” ou *noias*, largamente utilizados por outros interlocutores. Ronilce também nos relatou que durante um tempo ofereceu gratuitamente algumas refeições para uma criança, cuja mãe era usuária de crack, mas ao perceber que a menina não estava estudando mais, resolveu parar. A maior preocupação de Ronilce com relação aos frequentadores, no entanto, não está centrada em seu bar, mas sobretudo com relação aos possíveis inquilinos para seus apartamentos.
- 39 Os dois andares em cima do bar Amarelinho pertencem também ao pai de Ronilce¹⁷. Ali existem apartamentos do tipo quitinete, recentemente reformados na expectativa de serem alugados. A proprietária nos mostrou alguns dos apartamentos¹⁸ e disse que, atualmente, das dez unidades disponíveis, apenas uma está alugada. Ela revelou-nos que entre alugar para “qualquer um” e deixá-los fechados, prefere a segunda opção. Afirma, no entanto, que sempre recebe muitas propostas para os apartamentos, mas só aluga para “trabalhadores”, pois teme que o local possa se tornar um ponto de venda de drogas ou tenha sua estética prejudicada pelo descuido que ela percebe como habitual na região, chegando inclusive a citar o medo que tem de ver os “varaizinhos” com peças de roupas expostas nas janelas dos apartamentos.
- 40 Uma das tentativas de aluguel de imóvel foi para um rapaz, professor de inglês, que tentou instalar ali um *hostel*. O pai de Ronilce, “como possui espírito empreendedor” de acordo com ela, decidiu aceitar o projeto do rapaz. Durante o tempo em que o mesmo esteve instalado ali (oito meses), alguns turistas estrangeiros apareceram para se hospedar, mas segundo a proprietária, sempre acabavam por ir embora quando passavam pela primeira noite no bairro. Isso porque é recorrente entre aqueles que frequentam a região a ideia de que a dinâmica noturna é bastante alterada com relação à diurna. Depois que a maior parte dos estabelecimentos comerciais fecha, poucas pessoas seguem circulando pelas ruas da Luz; desse modo, a paisagem é quase que totalmente composta pela presença dos usuários de crack, o que confere àqueles que circulam pelo local sem conhecê-lo uma forte sensação de insegurança.
- 41 Entre os anos de 2006 e 2008, no entanto, os apartamentos estiveram bastante movimentados pois foram ocupados pelo projeto Atelier Amarelo, coordenado pela artista plástica Maria Bonomi em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura. A ideia era que doze artistas plásticos selecionados por meio de edital ficassem vivendo ali e produzindo obras sobre o centro da cidade.¹⁹ Com a mudança de governo, porém, o projeto terminou, obrigando os artistas a se retirarem do local.

Atelier Amarelo



FOTO DA PESQUISA DO GEAC

- 42 Mas a saída dos artistas não implicou em um distanciamento entre a proprietária e “o pessoal da cultura”, como ela diz. A chegada do “lado cultural” ao bairro da Luz, aliada aos atrativos reunidos em seu imóvel, possibilitou a Ronilce certo poder de barganha. Entre os benefícios adquiridos, por exemplo, está o convênio que oferece aos funcionários da Secretaria de Estado da Cultura tickets para almoço em uma seleta lista de estabelecimentos nas imediações, entre os quais seu bar e restaurante.
- 43 A chegada desta nova “clientela” como diz, modificou toda a dinâmica do estabelecimento. Antes, segundo a proprietária, “era outro perfil, era mais um pessoal que pega trem, os ônibus, o pessoal do comércio, não o pessoal do lado cultural. Isso veio com o tempo, pelo que eu percebi”.

4. Entre o samba do centro e o Centro do Samba²⁰: à guisa de conclusão

- 44 As situações que buscamos reconstituir ao longo deste artigo revelam o equívoco da assunção da categoria “bairro” enquanto unidade urbana autoevidente, conforme estudos anteriores já haviam alertado,²¹ dada sua tendência em fixar certa percepção cartográfica e normativa das fronteiras sociais, fechando os espaços para uma compreensão mais alargada acerca de suas dinâmicas.
- 45 A observação detida de relações de interação e os deslocamentos realizados na articulação entre dois eventos musicais localizados na R. Gal. Osório permitiu-nos inicialmente constatar a existência de um ambiente por onde se locomovem fluxos heterogêneos de

pessoas, motivadas sobretudo pelo comércio e pela larga oferta de cursos de instrumentos musicais, além, é claro, do apreço aos gêneros de música que ali ocorrem. No entanto, certa familiaridade com alguns de seus usuários possibilitou-nos, pouco a pouco, perceber o alargamento das formas de sociabilidade ali encontradas na direção de outras regiões.

- 46 A partir dos conceitos de Magnani (2002), torna-se possível dizer que a mancha de lazer e trabalho localizada no trecho da R. Gal. Osório no qual concentramos nossa análise encontra-se atrelada a circuitos que integram outros espaços por onde muitos desses atores se locomovem e pelos quais informações, boatos e contatos são igualmente transmitidos.
- 47 Assim, por exemplo, o choro da Contemporânea encontra-se articulado às rodas que ocorrem no bairro do Sumaré e no Mercado Municipal. Da mesma forma encontramos ali, entre consumidores, músicos e apreciadores dos eventos, integrantes de escolas de samba oriundos de partes variadas de São Paulo. Nem é fortuito neste sentido, que alguns dos principais eventos dedicados ao samba na cidade, como a “Rua do Samba Paulista”, evento que chegou a reunir mais de seis mil pessoas e que acabou sendo transferido para o Vale do Anhangabaú (também na região central) devido à impossibilidade de acomodação do público naquela localidade, tenham nascido ali.
- 48 Parece-nos razoável considerar que um dos principais fatores responsáveis pela constituição da relativa centralidade percebida naquela região em torno das interações circunscritas a certos gêneros musicais decorra do imaginário vinculado à memória incorporada pela loja Contemporânea, fundada no ano de 1948 e cuja marca tornou-se uma espécie de signo de qualidade no tocante aos instrumentos voltados para gêneros populares, em especial o samba e o choro²².
- 49 A busca pelo registro e atualização desta memória, que encontramos na iniciativa de Cláudia ao escrever, em parceria com o marido, um livro sobre a “historia do choro” em São Paulo, bem como nas fotografias e homenagens colados nas paredes da loja, todavia, convivem com a insegurança trazida por representações que opõem, de um lado, a noção de Nova Luz, que, conforme indicado, incluía (no momento da pesquisa) a Contemporânea entre os imóveis arriscados pelas demolições que deveriam dar lugar ao projeto²³ e de outro a noção de *cracolândia*, ligada a uma imagem degradada da área.
- 50 Tal polaridade entre Nova Luz e *cracolândia* – também lida na chave do contraponto entre requalificação e degradação²⁴ – tem se configurado no imaginário dos cidadãos que frequentam a área de um modo bastante particular. A etnografia apontou para o fato de que o uso dessas representações por parte dos atores ali presentes em suas práticas cotidianas é modulado sempre de maneira circunstancial, conforme as fronteiras simbólicas a serem demarcadas nas diferentes situações vivenciadas²⁵.
- 51 Fato significativo neste sentido é o modo como os músicos do grupo Centro do Samba utilizaram o termo *cracolândia*²⁶ em uma de nossas interações, quando chegaram a acioná-lo com a finalidade de representar alguns dos aspectos locais percebidos como positivos, tais como a “mistura” entre diferentes gêneros de público, vista inclusive como uma “referência cultural”. A crítica à região também perde nitidez quando notamos que algumas letras feitas pelo grupo remetem a uma imagem lúdica e positiva daquele contexto. Beto igualmente se vale das fotografias registradas em algumas das referências culturais ali localizadas para ilustrar a capa de seu disco. Reafirma-se aqui uma polissemia de significados à noção de cultura, questão aliás clássica na antropologia.

- 52 Outra dimensão importante captada pela prática etnográfica são as experiências de relações mais duradoras dos mesmos músicos, bem como de Ronilce, proprietária do bar Amarelinho, com aqueles que identificam como *noias*, uma vez que estas interações nos permitem relativizar de maneira ainda mais enfática a ideia de mundos sociais estanques e em contínua oposição, do modo como a polarização Nova Luz vs. *cracolândia* tende a reforçar.
- 53 No tocante a este ponto, o contato com Ronilce revelou-se de fundamental importância. Ao falar-nos dos métodos dos quais lança mão para manter seu bar e os apartamentos localizados no andar superior do mesmo a certa distância do desprestígio relacionado à imagem de degradação da região, ela mostra que o trato estético dos imóveis naquela área ganha contornos simbólicos importantes por conta dos efeitos que acompanham a noção de *cracolândia*²⁷. Desta maneira a conservação do imóvel acaba por se transformar num marcador social dos mais significativos nas relações com o poder público ou outros agentes.
- 54 A adoção do termo Nova Luz para referir-se ao lugar onde seu bar se localiza dá indícios da maneira como Ronilce mobiliza a polaridade que costuma caracterizar a região a seu favor. O “pessoal da cultura” ou o “lado cultural”, nesse sentido, referem-se mais claramente ao campo ligado às instituições culturais locais, para conferir prestígio²⁸. E neste processo entram as estratégias que envolvem a ação de seguranças e garçons contra aqueles que porventura venham a ser caracterizados como indesejáveis.
- 55 Por fim, e de maneira mais geral, é possível constatar que a realização de uma pesquisa etnográfica detida em torno de um pequeno trecho da Rua Gal. Osório nos permitiu compreender o modo como os vínculos ali estabelecidos são alargados para outras territorialidades. Pudemos assim perceber que a pesquisa das práticas de sociabilidade que ocorrem em torno dos eventos organizados naquela área, nos levou a uma compreensão ampliada da própria cidade. Ao deslocar a pergunta acerca de “o que é a Luz?” para “o que faz a Luz?”²⁹, esperamos ter podido demonstrar o fato de que o caminho que liga o centro do samba ao samba do centro tem muito a nos dizer.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011.
- ARANTES, Antônio A. **A guerra dos lugares** in Antônio A. Arantes, Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas: Ed. Unicamp, 2000. pp. 103-129.
- BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Ed. Zouk, 2006.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Ed. Zouk, 2007 [1979].

- CORDEIRO, G. I.; COSTA, A. F. **Bairros: contexto e intersecção**, In VELHO, Gilberto (Org). Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal, Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 2006.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994 [1980].
- DOSSE, François. **O espaço habitado segundo Michel de Certeau**. ArtCultura, jul.-dez., n. 9, vol. 6, pp. 81-92, 2004,
<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1373>, acesso em 1/3/2012.
- FAZZIONI, Natália. **A vista da rua: etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ)**. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, 2012.
- FRÚGOLI JR., Heitor. **Lignes articulées de recherche à propos d'un quartier du centre de São Paulo**. Brésil(s). Sciences humaines et sociales, CRBC, no prelo.
- FRÚGOLI JR., H.; ADERALDO, G. **Abordagens etnográficas no bairro da Luz (São Paulo): frentes articuladas de investigação**. Paper apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia (ABA, Belém, ago./2010).
- FRÚGOLI JR.; H.; CHIZZOLINI, B. **Moradias e práticas espaciais na região da Luz**. In: Frúgoli Jr., H. (org.), Dossiê Luz, São Paulo. Ponto Urbe (NAU-USP), v. 11, 2012.
- FRÚGOLI JR., H.; SKLAIR, J. **O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification**. Cuadernos de Antropología Social n.30, FFyL, Universidad de Buenos Aires, pp. 119-136, 2009.
- FRÚGOLI JR., H.; SPAGGIARI, E. **Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz**. Ponto Urbe 6, Revista do Núcleo de Antropologia Urbana, Universidade de São Paulo, 2010.
- MAGNANI, José Guilherme C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, num. 49, pp. 11-29, 2002.
- RIZEK, Cibele. **Intervenções Urbanas recentes na cidade de São Paulo: processos, agentes, resultados**, In CABANES, R.; GEORGES, I; TELLES, V. Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo, São Paulo, Ed. Boitempo, 2011, pp. 339-358
- RUI, Taniele. **Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack**. Tese de doutorado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2012
- SIMMEL, GEORG. **A Sociabilidade (exemplo de sociologia pura ou formal)**. In: Questões fundamentais da sociologia: indivíduo o sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. pp. 59-83.
- VELHO, Gilberto. **Os mundos de Copacabana**. In: VELHO, Gilberto (org.). Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, pp.11-23.
- WAGNER, Roy. **Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?** In: Revista Cadernos de Campo, ano 19, Nº 19, pp. 237-257, 2010 [1974].

ANEXOS

Matérias da imprensa, documentos e outros

ESTADO DE SÃO PAULO. A Santa Ifigênia do Samba, In: <http://blogs.estadao.com.br/curiosidade/a-santa-ifigenia-do-samba/>. (Acesso em 03/12/2012)

FOLHA DE SÃO PAULO. Projeto junta samba e política na Cracolândia, São Paulo, 31/08/2007 In: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3108200710.htm> (Acesso em 03/12/2012)

FOLHA DE SÃO PAULO. Um novo centro, São Paulo, 27/5/2010, p. A-2 (Editorial).

PORTAL DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Cultura: Rua do Choro volta no sábado, dia 21, In: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=78159> (Acesso em 03/12/2012)

REDE BRASIL ATUAL. Ponto de encontro de artistas corre risco de demolição com projeto Nova Luz em SP In: <http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidades/2011/09/ponto-de-encontro-de-artistas-de-todo-o-brasil-corre-risco-de-ser-demolida-com-projeto-nova-luz> (Acesso em 03/12/2012).

SITE NOSSA SÃO PAULO. Transformar cracolândia em Nova Luz levará 15 anos - Folha de São Paulo, In: <http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/node/16316> (Acesso em 03/12/2012).

NOTAS

1. A esse respeito ver a introdução e os demais textos que compõem o presente dossiê.
2. Em sua dissertação de mestrado, Natália Fazzioni (2012) analisa o chamado processo de “revitalização” da Lapa no Rio de Janeiro, para compreender de que maneira certas áreas do bairro tornaram-se marginalizadas e vistas apenas como resistentes ao processo, invisibilizando, dessa forma, o papel fundamental que possuem na transformação e construção do bairro e suas representações.
3. Trata-se de artigo no qual o autor busca compreender o lugar da obra de Michel de Certeau nos estudos urbanos contemporâneos ao seu trabalho.
4. Esta, apesar de funcionar na região desde 1948, é um dos imóveis ameaçados pelas demolições previstas no projeto Nova Luz. Ver <http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidades/2011/09/ponto-de-encontro-de-artistas-de-todo-o-brasil-corre-risco-de-ser-demolida-com-projeto-nova-luz> (Acesso em 15/09/2012).
5. Tais categorias, porém, não têm aqui a função taxonômica de separar rigidamente os atores entrevistados ou acompanhados nas observações etnográficas. É preciso levar em consideração que um “morador”, por exemplo, também é um “frequentador” e pode até ser um “músico” ou “funcionário” de algum dos estabelecimentos, mudando (ou não) seu comportamento e suas representações mais gerais sobre a área ao assumir em situações diversas cada um desses papéis, como efetivamente observamos. Associar os atores observados a uma ou mais dessas categorias serve apenas à medida que podemos compreender melhor sua relação com o entorno e seu comportamento em certas situações. Um “morador”, por exemplo, geralmente vivencia as relações na área de modo mais regular que uma pessoa acostumada a frequentá-la apenas aos sábados. A esse respeito ver ainda Simmel (2006 [1917]) e Velho (1999).
6. Os nomes de alguns de nossos interlocutores foram substituídos por nomes fictícios visando preservar-lhes.
7. De acordo com Magnani: “Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não

mantém entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (MAGNANI, 2002, p. 23).

8. Isso foi-nos narrado por Cláudia, jornalista já mencionada.

9. Formado por Beto Velasco (cavaco), Tadeu (rebolo), Iago (Violão) e Jamil (surdo), o grupo Centro do Samba se apresenta todos os sábados no bar Amarelinho. Alguns dos músicos, como veremos ao longo do artigo, fazem aula com Arnaldinho, que comanda a roda de choro na loja Contemporânea e também acompanham, além de eventualmente integrarem a referida roda.

10. Algo que podemos notar facilmente pela grande presença de público e também pelas fotografias colocadas nas paredes, onde é possível ler notícias sobre o estabelecimento. Também há blogs que podem ser encontrados numa simples consulta ao Google; frequentadores comentam com grande riqueza de detalhes o modo como percebem o ambiente do bar. Ver, por exemplo: <http://praquemgostadebar.blogspot.com.br/2012/02/zebrinha-ou-se-preferir-amarelinho.html>. (Acesso em 30/9/2012). Outro fator digno de nota é o fato de que o bar serviu de locação ao filme “Estamos Juntos” (2011) do diretor Toni Venturi, que trata de uma série de tramas pessoais em torno de uma ocupação de militantes sem-teto na região da Luz.

11. Informação disponível em: <http://sambaautentico.nafoto.net/> (Acessado em 26/09/2012).

12. A esse respeito ver: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3108200710.htm> (Acesso em 03/12/2012). De acordo com a reportagem citada, os organizadores da “Rua do Samba” chegavam inclusive a promover um “cordão carnavalesco” que percorria as ruas da região, no qual, segundo Roberto Almeida de Oliveira, que, também coordenava o projeto (além de uma ONG ligada ao movimento negro), entrava “(...) mendigo, prostituta, todo mundo”.

13. Informação disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=78159> (Acessado em 25/09/2012).

14. O disco de Beto Velasco foi lançado de maneira independente.

15. Apresentações musicais, plásticas, teatrais, circenses e outras, que ocorrem uma vez por ano na cidade de São Paulo, por 24 horas ininterruptas, promovidas pela Secretaria Municipal de Cultura.

16. É importante lembrar que as mesas estavam localizadas no espaço da rua, que havia sido fechada para o evento.

17. Ele é baiano e vive em São Paulo há muitos anos. Teve seu primeiro estabelecimento comercial, um bar como o Amarelinho, na Mooca, bairro onde até hoje a família vive. Depois disso passou a expandir e hoje possui vários imóveis e bares, sendo que dois deles são administrados por Ronilce.

18. São pequenos estúdios, com tamanhos variados de acordo com o valor do aluguel. Um dos apartamentos que vimos possui um pequeno cômodo com uma repartição para a cozinha e um mezanino.

19. De acordo com o blog dos artistas, o projeto está descrito da seguinte forma: “O *Atelier Amarelo* é composto de doze artistas plásticos residentes, selecionados através de concurso para desenvolverem nove projetos relativos ao centro da cidade de São Paulo, Brasil. A iniciativa é da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. O projeto tem curadoria de Maria Bonomi, com a assistência de Leila Gouvea, João Spinelli, Cildo de Oliveira e Paulo Von Poser.” Informação disponível em: <http://atelieramarelo.blogspot.com.br/> (Acessado em 26/9/2012). Em entrevista com Hugo Perucci (jul./2009), residente do Atelier Amarelo entre agosto e dezembro de 2006, foi possível perceber que seu período ali fora fortemente pautado pela busca pessoal em encontrar o material para desenvolver seu trabalho artístico. Ele basicamente via tal lugar como inóspito, pois o tempo todo lidava com situações de prostituição, miséria e sujeira, de maneira que ao falar da Luz, afirmava sempre pensar em lugares muito sujos, cinzas e degradados: “nem todos eram marginais”, mas “todos viviam à margem”. Para ele era visível a existência de um “toque de recolher”, pois a partir de certa hora a rua ficava completamente deserta. Para finalizar, o projeto de Hugo consistiu em trabalhar com as possibilidades artísticas e semânticas da sombra.

Para isso, ele propôs-se a pedir permissão para desenhar a sombra de pessoas escolhidas aleatoriamente, e ao término do período, realizou uma performance, com início no Jardim da Luz e término em frente ao atelier.

20. Trechos destacados da música “Vem pra roda sambar” de Beto Velasco, integrante do grupo Centro do Samba: “Com Centro do Samba você vai sentir total emoção, samba de partido alto, samba de raiz e do coração. É cheio de malandreado, tem verso versado, é só firmar o refrão (...) No samba do centro com o Centro do Samba você vai gostar, mexe remexe, mexe as cadeiras para lá e para cá. Vem no passo miudinho, vem bem gostosinho para ficar legal. Todo sábado é dia de festa, dia de alegria e do alto astral”.

21. Ver Velho (1999) e Cordeiro & Costa (2006).

22. Sobre a relativa centralidade da área onde concentramos a pesquisa etnográfica na rua Gal. Osório, ver também: <http://blogs.estadao.com.br/curiosidade/a-santa-ifigenia-do-samba/> (Acesso em 08/11/2012)

23. A esse respeito cabe destacar que num momento em que conversávamos com um dos atuais responsáveis pelo estabelecimento, o mesmo nos perguntou se teríamos algum tipo de influência que nos permitisse intervir contra a demolição da loja.

24. Ver mais detalhes na introdução do dossiê.

25. Em sua análise a respeito dos limites ligados ao uso da categoria “grupo social” por parte de estudos etnográficos centrados na observação dos modos de socialidade de povos tribais particulares da região onde dedicou boa parte de suas pesquisas na Nova Guiné, Roy Wagner notou que as categorias utilizadas pelas populações nativas com o intuito de construir fronteiras que particularizassem seus vínculos e pertencimentos, apoiavam-se em bases muito fluidas, passíveis de serem modificadas de acordo com a circunstância na qual a interlocução era estabelecida. Ao contrário, portanto, de indicar pertencimentos rígidos em sistemas sociais fixos, os termos utilizados correspondiam a um recurso retórico, na medida em que possibilitavam a construção circunstancial de diferenciações. Conforme cita o próprio autor: “os termos são nomes, não as coisas nomeadas” (WAGNER, 2010 [1974], p. 246).

26. Em outro momento, ainda que não tenham utilizado o termo diretamente, se referiram à representação degradada da área para construir o contraponto entre o bar Amarelinho e o bar São Jorge, este último situado numa área mais valorizada na região do Tatuapé, onde também costumam tocar. Na ocasião Tadeu e Beto ressaltaram, num tom crítico, o apelo mais “popular” e menos criterioso do público frequentador do bar Amarelinho que, segundo eles, seria o contrário daquele que presenciavam no bar São Jorge.

27. Uma observação mais detida acerca desta questão pode ser vista no artigo de Frúgoli Jr & Chizzolini deste dossiê, referente às relações desenvolvidas pelos moradores da área.

28. Uma análise mais detida acerca dos processos relacionados ao poder simbólico envolvido nos diferentes modos de “uso” do gosto cultural entre coletividades distintas e hierarquicamente divididas pode ser vista em Bourdieu (2006; 2007 [1979]).

29. Ver mais detalhes em Agier (2011).

RESUMOS

O artigo busca analisar relações existentes em uma mancha de trabalho e lazer situada na região da Luz, no centro de São Paulo, considerando para tanto o atual contexto da região e o conjunto de intervenções públicas que ali tiveram lugar nos últimos anos, bem como as diferentes

apropriações deste processo e suas representações no cotidiano local. A etnografia foi realizada em dois eventos musicais de choro e samba que ocorrem aos sábados na R. Gal. Osório, sendo o primeiro deles em uma loja de instrumentos musicais e o segundo em um bar e restaurante. Ao analisar certas dinâmicas presentes nestes eventos e enunciadas por seus agentes, foi possível alcançar uma compreensão menos normativa e mais alargada da região da Luz e até da própria cidade.

The article analyses relations in an area of work and leisure located in the Luz district, in the centre of São Paulo. In this regard, the present context of the region and a series of public interventions that have taken place in the last few years should be taken into account, as well as the different ways they have been undertaken and their results on the daily life of the area. The ethnography was carried out at two musical events of “choro” and “samba” which take place on Saturdays in Rua Gal. Osório, the first in a shop selling musical instruments and the second in a bar and restaurant. When analysing certain dynamics at these events, pointed out by those present, a less normative and broader understanding of the Luz district, and even of the city of São Paulo itself, was achieved.

ÍNDICE

Keywords: uses of the space, samba and choro, sociability

Palavras-chave: usos do espaço, samba e choro, sociabilidade

AUTORES

GUILHERMO ADERALDO

Doutorando em Antropologia Social/PPGAS-USP

NATÁLIA FAZZIONI

Mestre em Antropologia Social/PPGAS-USP